



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

Adele Maria De Cesaro Erquiaga

**AGRADECIMENTOS DE ESTUDANTES MÃES NOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA: UMA ANÁLISE CULTURAL
SOBRE MATERNIDADE**

Florianópolis

2020

Adele Maria De Cesaro Erquiaga

**AGRADECIMENTOS DE ESTUDANTES MÃES NOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA: UMA ANÁLISE CULTURAL
SOBRE MATERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia, sob orientação da Prof.^a Dra. Angélica Silvana Pereira e Prof.^a Dra. Márcia Buss Simão.

Florianópolis

2020

Adele Maria De Cesaro Erquiaga

**AGRADECIMENTOS DE ESTUDANTES MÃES NOS TRABALHOS DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA: UMA ANÁLISE CULTURAL
SOBRE MATERNIDADE**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi considerado adequado para a obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 14 de dezembro de 2020.

Profa. Dra. Jocemara Triches
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Márcia Buss Simão (Orientadora)
Profª Dra. Angélica Silvana Pereira (Coorientadora)

Banca Avaliadora:

Prof. Dr. Alexandre Toaldo Bello – MEN/CED/UFSC

Profª. Dda. Stela Márcia Moreira Rosa – PPGE/UFSC

Profª. Dda. Carolina Votto – PPGE/UFSC

Dedicado a todas as mulheres mães universitárias.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Catarina. Embora o ingresso à universidade ainda seja um privilégio e se faça necessário uma ampliação do acesso e permanência, agradeço à instituição pela oportunidade de obter uma educação superior pública e de qualidade, principalmente neste momento de incertezas e resistências.

À Profª Dra. Angélica Silvana Pereira pela orientação e oportunidade em fazer parte da pesquisa.

À Profª Dra Márcia Buss Simão e aos membros da banca Prof. Dr. Alexandre Toaldo Bello, Prafa. Dda. Stela Márcia Moreira Rosa e Profa. Dda. Carolina Votto pelo aceite do convite.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve por objetivo analisar de que modo a maternidade, enquanto um processo de significação social e cultural de gênero e de sexualidade, é narrada por estudantes mães nos textos de Agradecimento dos Trabalhos de Conclusão do Curso de Pedagogia da UFSC, entre 2015 e 2018. O estudo é parte de uma pesquisa maior já concluída, que analisou repertórios culturais de gênero e outros marcadores sociais nos materiais acima referidos. Nas pesquisas, o gênero textual Agradecimentos foi entendido como uma prática cultural e acadêmica, cujo caráter autoral dos discursos de gratidão possibilitam pensar tanto nas condições que possibilitam sentir e expressar esta gratidão, principalmente do recorte escolhido para este trabalho, que privilegia as narrativas das estudantes mães destinadas aos seus filhos, filhas, cônjuges e/ou companheiros. Para tal, inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica a fim de contextualizar historicamente a trajetória das mulheres e sua relação com os ideais maternos socialmente estabelecidos, bem como as conquistas femininas na esfera pública, no ambiente universitário e as dificuldades em conciliar as demandas domésticas e acadêmicas. A partir do mapeamento da pesquisa maior, foram encontrados 46 Agradecimentos de estudantes que se identificaram enquanto mães, nos quais foi possível observar as principais recorrências nesses discursos, as quais possibilitaram tecer focos de análise, a saber: 1) A família, por meio da gratidão endereçada aos filhos, filhas, cônjuges e companheiros; 2) Idealização materna: Nasce uma mãe, nasce uma culpa; 3) Foi por vocês e para vocês, em que filhos e filhas são narrados/as como motivadores/as; 4) Gratidão à rede de apoio. A partir das análises culturais foram observados atravessamentos de discursos hegemônicos de maternidade e família e as estratégias individuais encontradas para contornar as dificuldades, permitindo discussões acerca de possíveis garantias de acesso e permanência às mães universitárias.

Palavras-chave: Textos de Agradecimento. Gênero. Maternidade. Pedagogia. Mulher Universitária.

SUMÁRIO

1 DA MATERNIDADE À GRAVIDEZ DE IDEIAS: APRESENTANDO O ESTUDO...	9
1.1 Percurso metodológico	12
2 MULHERES E MATERNIDADE: CONEXÕES E DIÁLOGOS TEÓRICOS QUE IMPORTAM À PESQUISA	15
2.1 A maternidade	15
2.2 O magistério como “extensão da maternidade”	20
2.3 Mãe universitária	22
3 DOS DISCURSOS DE GARTIDÃO – ESBOÇANDO ANÁLISES	27
3.1 Família	30
3.2 Ideal Materno – “Nasce uma mãe, nasce uma culpa”	34
3.3 “Foi por vocês, para vocês”	37
3.4 Gratidão à rede de apoio	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

GRÁVIDA

(Marina Lima e Arnaldo Antunes)

Eu tô grávida
 Grávida de um beija-flor
 Grávida de terra
 De um liquidificador
 E vou parir
 Um terremoto, uma bomba, uma cor
 Uma locomotiva a vapor
 Um corredor

Eu tô grávida
 Esperando um avião
 Cada vez mais grávida
 Estou grávida de chão
 E vou parir
 Sobre a cidade
 Quando a noite contrair
 E quando o sol dilatar
 Dar à luz

Eu tô grávida
 De uma nota musical
 De um automóvel
 De uma árvore de Natal
 E vou parir
 Uma montanha, um cordão umbilical, um anticoncepcional
 Um cartão postal

Eu tô grávida
 Esperando um furacão, um fio de cabelo, uma bolha de sabão
 E vou parir
 Sobre a cidade
 Quando a noite contrair
 E quando o sol dilatar
 Vou dar a luz

1 DA MATERNIDADE À GRAVIDEZ DE IDEIAS: APRESENTANDO O ESTUDO

Gravidus, em latim, significa “o que carrega, que leva um peso”. Nos dicionários, gravidez é sinônimo de gestação ou prenhez. É definida como condição da mulher cujo óvulo foi fecundado por um espermatozoide, fazendo com que um feto se desenvolva em seu útero até a sua expulsão ou retirada.¹ Popularmente dizendo: até parir! Parir um TCC é uma expressão comum entre estudantes em processos de produção de seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Há, portanto, uma associação entre o processo de escrita de um TCC [ou outros trabalhos acadêmicos] e a gravidez, na sua multiplicidade semântica.

No meu caso, fui fecundada no sentido biológico da palavra gravidez e também no sentido figurado, metafórico, pelas [poucas] discussões de gênero e de sexualidade realizadas no curso e também fora dele. Assim, a escolha do tema deste trabalho concretizou-se em meio ao momento mais (im)preciso em que me vi imersa durante os anos em que estive na universidade: o momento em que me tornei mãe. A maternidade atravessou minha jornada acadêmica durante o último semestre do curso e, seu final que parecia tão próximo, tornara-se incerto diante deste novo mundo que trazia consigo paradoxalmente as melhores experiências e os maiores desafios que outrora jamais imaginei viver.

Entretanto, antes mesmo da maternidade desacomodar meus planos, o interesse por temas relacionados às questões de gênero já integrava minhas escolhas. A decisão pelo presente tema surge a partir da aproximação da pesquisa *Repertórios Culturais nos Textos de Agradecimento dos Trabalhos de Conclusão Do Curso De Pedagogia*, coordenado pela Profa. Dra. Angélica Silvana Pereira, realizada entre junho de 2019 e fevereiro de 2020, que teve como objetivo analisar os discursos que constituem o gênero textual Agradecimentos nos trabalhos de conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tentando apreender os aspectos das trajetórias acadêmicas ‘merecedores’ de gratidão, bem como os atravessamentos de gênero e de outros marcadores sociais presentes nos textos produzidos pelas/os estudantes de 2015 a 2018, disponíveis no repositório institucional da referida universidade².

Até então, minhas pretensões de pesquisa estavam voltadas para as representações de gênero em *games* voltados para público infanto-juvenil, entendendo-os como pedagogias

¹ Informações extraídas do site < <https://www.dicio.com.br/gravidez> >, acesso em 06 de dezembro de 2020.

² Disponíveis em < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/7426> >, acesso de maio a setembro de 2020.

culturais. No momento da realização do TCC, tomei conhecimento da pesquisa de minha orientadora e numa conversa, cogitamos a possibilidade de fazer um recorte e um aprofundamento das análises dos agradecimentos de alunas mães, por tratar-se de um foco da com o qual me identifiquei, despertando meu interesse ao observar, nos relatos, recorrentes dificuldades e obstáculos semelhantes aos quais experienciei.

Os agradecimentos, segundo Maria Amália Penna de Moraes Ferlini (2013)³, fazem parte do processo de elaboração de uma pesquisa, caracterizando-se por registrar publicamente os sentimentos de gratidão por aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para tornar possível a conclusão de um trabalho acadêmico. Ainda segundo a autora, a partir da definição da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), os agradecimentos estão entre os elementos pré-textuais e reafirma a função de expressar gratidão a quem contribuiu na elaboração do trabalho.

Segundo Angélica Silvana Pereira (2019), os textos de agradecimento partem do sentimento de gratidão, o qual é vivido e experimentado de formas distintas pelas/os autores, as quais estão implicadas com os modos como este sentimento é narrado e significado nos diferentes contextos, grupos e artefatos da cultura. Desse modo, os textos de gratidão são constituídos por discursos diversos, tais como os de mérito, religião, amor, amizade, gênero, classe, raça, família, sofrimento, superação, alegria etc, sendo expressos de acordo com determinadas normativas acadêmicas e linguísticas.

Os agradecimentos são compostos por grande carga de emoção, não apenas pela finalização de uma pesquisa acadêmica, mas por marcar e representar o encerramento de uma etapa que traz à tona as dificuldades e os sentimentos de mérito, conquista e superação que se fizeram presentes durante o processo. Assim, este sentimento de gratidão e a forma como é sentido e exposto reflete as vivências de quem escreve.

Lavínia Lopes Salomão (2010 p.150-164), a partir do diálogo entre Vigotski e Bakhtin, destaca que as emoções “constituem-se no e pelo signo como fenômeno ideológico da vida e da experiência humana. É isto o que lhes dá o caráter humano”. As emoções e os sentimentos surgem e transformam-se ao longo da história através de processos de (re)significações nos quais, historicamente, produzimos e reproduzimos sentidos às emoções, sentimentos e afetos. Assim, a autora destaca o papel exercido pela linguagem - e signo - enquanto produção humana, não apenas como instrumento de comunicação, mas como norteadora de comportamentos e ações. Neste sentido, o sentimento é significado pela linguagem e, considerando a linguagem

³ Neste trabalho optamos por dar visibilidade ao nome completo do autor ou da autora na primeira citação, utilizando apenas o sobrenome nas citações seguintes.

como uma prática social, podemos compreender o sentimento, neste caso o de gratidão, enquanto prática aprendida e sentida de diferentes formas de acordo com as diferentes experiências.

Stuart Hall (1997) trazendo também a linguagem como meio de significação, complementa ao relativizar a identidade enquanto algo particular sugerindo, que nossas identidades são formadas culturalmente através de um processo de identificação aos discursos culturais. Na esteira do autor, Pereira (2020) observa que os discursos e sentimentos de gratidão dos textos de Agradecimento dos TCCs não são neutros e naturais, ainda que sentido e vivido de forma particular por cada estudante, o sentimento bem como a forma como é expresso refletem práticas socioculturais que (re)produzem subjetividades e estruturas sociais tais quais as relações de poder e posições sociais dos sujeitos.

É comum encontrar nos textos de agradecimento das alunas, expressões de sentimentos de gratidão àqueles que estão próximos afetivamente como familiares, amigos, parceiros, à instituição de ensino e os professores que colaboraram com a formação, bem como expressões religiosas como agradecimentos à Deus. Estas referências refletem claramente os repertórios do entorno de quem escreve, transparecendo sentimento e identidade como esclarece Pereira:

[...] os Agradecimentos são entendidos como um gênero discursivo/textual que geralmente é produzido com grande carga de emoção. Neles está presente um repertório cultural diverso, imprimindo-lhes marcas de identidade e das experiências formativas, associadas às condições de vida que extrapolam a academia. Neste sentido, os agradecimentos podem expressar dificuldades e conquistas imbricadas aos pertencimentos de classe, gênero, sexualidade, raça, etnia e religião, dando-lhes visibilidade e, por vezes, conferindo-lhes uma importante dimensão política. Os Agradecimentos são, pois, uma prática cultural que se processa pela escrita, e como tal, são *locus* privilegiado de narrativas de si. (PEREIRA, 2019 p.8)

Entretanto, ainda que o Agradecimento enquanto gênero textual seja impregnado de forte carga emocional e cultural, esse compõe um texto acadêmico sendo “[...] passível de avaliação, de leitura e de crítica” como destaca Débora Diniz em seu texto “Carta de uma orientadora”. Assim sendo, segundo a autora, os agradecimentos, por vezes, acabam por transparecer intimidades excessivas ao invés de destinar a gratidão a quem compôs de fato a trajetória da pesquisa.

O foco do recorte desta pesquisa centraliza-se nos agradecimentos elaborados apenas pelas estudantes *mães* do curso de Pedagogia entre 2015 e 2018, intervalo de tempo da pesquisa maior à qual este TCC está vinculado. Considerando os agradecimentos enquanto gênero discursivo carregado de identidade e cultura, é **possível encontrar prováveis dificuldades e sentimentos vividos pelas acadêmicas durante o percurso da graduação, como também**

permanentes e fortes atravessamentos de gênero nestes relatos. No caso deste estudo, gênero é uma categoria fundamental para pensar os discursos sobre maternidade.

Guacira Lopes Louro (1997) relaciona o conceito de gênero às categorias sociais construídas historicamente, à vista disso, dissertar sobre gênero corresponde à diferenciação entre as atribuições sociais e as posições que homens e mulheres ocupam na sociedade e, por conseguinte, as desigualdades relacionadas a tais diferenças. Trazendo o conceito de gênero para o contexto da pesquisa, é possível identificar “atributos” femininos socialmente construídos tais como ideal materno, culpa materna e uma clara responsabilidade doméstica entre as alunas mães junto a um aparente impasse na conciliação desta com as demandas acadêmicas.

A partir da contextualização apresentada e considerando que os textos de agradecimento são práticas culturais e espaço de discursos autorais, disponho dos seguintes **questionamentos orientadores deste TCC**: De que modo o sentimento de gratidão é expresso no gênero textual Agradecimentos presente nos TCCs de estudantes mães do curso de pedagogia da UFSC? Que representações associadas à maternidade estão presentes nestes textos? O estudo tem como **principal objetivo** analisar de que modo a maternidade, enquanto um processo de significação social e cultural de gênero e de sexualidade, é narrada nestes artefatos, como forma de expressão de gratidão das estudantes mães aos seus e suas filhas e quais condições estão postas para que esses sentimentos sejam expressos desta forma. **Os objetivos específicos** delineados para este TCC são os seguintes: a) Refletir sobre as condições implicadas na maternidade, a partir da ampliação e aprofundamento de leituras, principalmente na perspectiva dos estudos de gênero e dos estudos culturais; b) Entender as condições que possibilitam as formas pelas quais o sentimento de gratidão é vivido pelas estudantes mães do Curso; c) Dar visibilidade às dificuldades encontradas pelas estudantes mães para viabilizar os estudos e concluí-los.

1.1 Percorso metodológico

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa a partir do levantamento dos agradecimentos dos TCCs do curso de Pedagogia desenvolvidos entre 2015 e 2018 publicados no Repositório Institucional da UFSC.

Considerando o Agradecimento como um gênero discursivo e uma prática cultural, a escolha metodológica para esta pesquisa foi pelo método das análises culturais. Maria Lúcia Wortmann (2007, p.75) compreende o produto cultural como uma (re)produção social que consolida e fortalece a construção de uma hegemonia. Segundo a autora, as análises culturais

são “formas interessadas em lidar com práticas e produtos da cultura” na pesquisa, ou seja, analisar através da perspectiva cultural, questionando e desnaturalizando estruturas institucionalizadas sobre os sujeitos.

Desta forma, os Agradecimentos nos TCCs das alunas mães foram analisados sob viés da cultura, considerando que não são neutros e carregam em si as experiências e percepções das individualidades de cada estudante, tornando-se um artefato cultural que imprime em si concepções de família, gênero e educação pública, bem como as relações de poder e estruturas sociais hegemônicas.

Para identificação e análise dos repertórios culturais foi realizada uma análise textual onde inicialmente buscou-se categorizar e organizar os textos a serem analisados. Após leitura dos agradecimentos, foram selecionados apenas textos de **gratidão e dedicatórias**, já que estes também são permeados por sentimentos de gratidão, redigidos por estudantes que se apresentavam como mães. Para melhor organização, os trechos dos relatos que mencionavam indicadores de maternidade foram distribuídos em uma tabela especificando os agradecimentos por ano de publicação, autora, orientadora e título. Após seleção do material e leitura detalhada, uma análise preliminar dos textos foi realizada e a partir desta, os textos foram categorizados em quatro principais eixos a partir dos discursos mais recorrentes: a família, os pedidos de desculpas pelas ausências, os filhos e filhas como motivação do processo de formação e a gratidão à rede de apoio.

No segundo momento, foi realizado o mapeamento dos repertórios culturais que compõem o gênero discursivo e dentro de cada eixo selecionado, foram separadas e grifadas palavras e expressões recorrentes, resultando em um segundo agrupamento dos excertos que norteou a elaboração do capítulo de análises.

Após o mapeamento por eixos temáticos (família, desculpas pelas ausências, filhos e filhas como motivação e gratidão à rede de apoio) e em seguida por expressões semelhantes iniciou-se o processo de análise do conteúdo, lendo novamente na íntegra os agradecimentos selecionados por tema e elaborando as possíveis análises do modo como a maternidade esteve presente no gênero discursivo, atentando principalmente aos atravessamentos de gênero e as concepções de Universidade pública.

Este TCC está organizado em três seções. A primeira, que estou aqui finalizando, discorre sobre minhas escolhas e aproximações iniciais com o tema da pesquisa, a elaboração do problema e dos objetivos e a metodologia. Na segunda seção, apresentarei a fundamentação

teórica do estudo, resultante de minhas leituras, sem as quais não teria sido possível a escrita do texto. Na terceira apresentarei as análises realizadas sobre fragmentos dos agradecimentos das estudantes mães dirigidos/as aos seus filhos, filhas, maridos e/ou companheiros. Na sequência apresentarei as considerações finais do trabalho e as referências utilizadas.

2 MULHERES E MATERNIDADE: CONEXÕES E DIÁLOGOS TEÓRICOS QUE IMPORTAM À PESQUISA

Os aspectos culturais atravessam diferentes esferas produzindo significados que são incorporados através das gerações, permeando as instituições e o próprio Estado. Desta forma, sabemos que a sociedade acaba por estruturar-se com base nesses significados culturais, reproduzindo e concretizando as posições sociais de gênero como é o caso, por exemplo, do acesso à educação superior e as constantes dificuldades encontradas nesta trajetória pelas mulheres, em especial, as mães.

Estas estruturas sociais refletem heranças históricas e culturais da forma como sentimos a gratidão. Como mencionado anteriormente, este trabalho tem por objetivo analisar os discursos de gratidão, buscando compreender quais condições estão postas para que estes sentimentos sejam assim vividos e expressados. Para isso, busquei conhecer autoras e autores que discutem a maternidade no ambiente acadêmico, conhecer melhor as possibilidades oferecidas pela Universidade para garantir a permanência das alunas mães, como também identificar, entre os relatos de agradecimento, de que maneira os elementos sociais e culturais transpassam os sentimentos de gratidão das mulheres mães universitárias.

Nesse sentido, considerando que o curso de Pedagogia é composto majoritariamente por mulheres, o presente estudo torna-se relevante, pois convida a refletir, entre outras coisas, acerca das condições que a Universidade proporciona para garantir que a maternidade não venha a ser uma barreira durante a trajetória acadêmica das mulheres, e quais estruturas sociais contribuem para tal, trazendo à tona a discussão sobre desigualdades de gênero no ambiente acadêmico.

2.1 A maternidade

Os conceitos acerca de família, maternidade e amor foram outrora muito diferentes dos que conhecemos hoje. Para Flávia Biroli (2014), a unidade familiar e conseqüentemente a maternidade, referência para a contemporaneidade, ganharam seus primeiros contornos a partir da privatização do espaço familiar, fenômeno decorrente do período de industrialização da Europa ocidental. Até então, as esferas pública e privada diluíam-se entre si e as funções e atividades laborais atravessavam o ambiente doméstico.

Foi a partir do século XVIII, segundo Anthony Giddens (1993), que o amor romântico passou a ser modelo predominante de relacionamentos afetivos nas culturas ocidentais. É nele que se sustenta o casamento monogâmico e a família nuclear, subentendendo fidelidade mútua, atração sexual e a intenção de construção e manutenção de uma família que posiciona as mulheres na esfera doméstica, dedicadas aos cuidados do lar, priorizando suas funções maternais.

Por volta do século XVIII, inicialmente na Europa e posteriormente no Brasil no século XIX, com as novas concepções de família e infância, o “papel” das mulheres, até então associada à fecundidade, também precisou ser ressignificado. Lucila Scavone (2001) destaca que, com uma nova configuração econômica que transpôs a responsabilidade e administração do lar às mulheres, os cuidados das crianças, delegados às amas, passaram ser exercidos por esta nova mulher: a Mãe.

Elisabeth Badinter (1985) ressalta que por volta do século XVIII, a crescente mortalidade infantil e o considerável número de crianças abandonadas na Europa, especialmente na França, foi um dos impulsos para dar foco à maternidade. Diante de uma necessidade populacional para fins colonizadores e bélicos, o Estado atentou-se a medidas de incentivo à natalidade e ações sanitárias de cuidado à primeira infância. Para estabelecer esta nova concepção de maternidade, houve um forte incentivo em centralizar na mulher genitora uma responsabilidade vocacional e instintiva, principalmente em relação à amamentação. Entretanto, sobretudo entre a burguesia, o cuidado da primeira infância apresentou pouco assentimento, pois estava associado às classes menos favorecidas como evidencia Júlia Gama Tourinho (2006) citando Badinter (1985)

[...] Mais especificamente em relação à amamentação, muitas se negavam sob argumentos de diferentes ordens: que era um ato despuorado; que perderiam a beleza, fundamental à existência; que não era digno; que remetia a uma imagem animalizada, mas principalmente “Alimentar o próprio filho equivalia a confessar que não se pertencia à melhor sociedade” (TOURINHO, 2006, p. 96)

Para reverter esta concepção de maternidade, um ideal materno foi sendo delineado, alicerçado em fundamentos moralizantes e cristãos. Como o argumento embasado no instinto materno e a capacidade biológica reprodutiva ligada ao feminino não levaram as mulheres a uma transformação em seus comportamentos, adotou-se a imagem da mãe como ser consagrado e puro oferecendo-lhes a estima, o respeito e a dignidade da sociedade por serem mães dignas deste imaculado nome (TOURINHO, 2006).

A literatura, assim como hoje temos as representações sociais da maternidade estruturadas através das mídias, foi outrora grande responsável pela disseminação deste novo conceito materno concebido às mulheres.

No artigo “O Mito da Mãe Exclusiva e seu Impacto na Depressão Pós-Parto”, as autoras, citando Aminatta Forna (1999), destacam a importância da publicação de *Émile*, por Rousseau, na concepção da maternidade tal qual conhecemos hoje. A obra de Rousseau enfatizou a importância da amamentação e a criação dos filhos por suas mães biológicas, criticando fortemente a delegação dos cuidados às amas de leite, contribuindo ao engendramento da imagem maternal associada à uma propensão natural ao sacrifício e amor incondicional, assim como a satisfação nas incumbências maternas.

Também salienta Badinter (1985) que o pensamento rousseauiano, um dos responsáveis pela cristalização das novas ideias de amor materno, disseminou uma nova configuração familiar moderna centrada na moral da mãe amorosa. Ainda segundo a autora, outra vertente de grande interferência na estratificação da imagem da mulher mãe devota foi a psicologia, mais precisamente a psicanálise quando esta determina que o equilíbrio psíquico da criança depende precisamente da primeira relação bem-sucedida (a amamentação) com a mãe. Influências da psicologia contribuíram para a estruturação de uma culpa materna em decorrência à imagem, agora estabelecida, da mãe devota e inteiramente responsável pelo desenvolvimento psicológico e emocional da criança:

Será possível dizer melhor a imensa responsabilidade que pesa sobre a mãe? E como não observar a perfeita continuidade que une esse discurso aos discursos do século XVIII? Com Winnicott e seus seguidores, chegamos ao auge das responsabilidades maternas, e, em contrapartida, também a um sentimento difuso de culpa. Pois, à menor dificuldade psicológica da criança, como poderia uma mãe deixar de se sentir responsável e, portanto, culpada? Terá ela jamais dado o bastante de si mesma? (BADINTER, 1985)

Culturalmente, a imagem social materna carrega consigo, ainda nos dias de hoje, atravessamentos da idealização da mãe perfeita. Este conceito vem sendo tão reforçado, que se acredita fortemente na naturalização do amor materno incondicional como característica inata à mulher. Apesar de cada vez mais frequente o debate sobre esta posição social feminina, a atribuição da capacidade em zelar pelo cuidado e integridade física e emocional de seus filhos segue corroborada. Segundo Kátia Azevedo e Alessandra Arrais (2006), a naturalização da maternidade como papel social instintivo e inerente à figura feminina, bem como o amor materno espontâneo e “natural” vai, muitas vezes, de encontro à realidade materna, gerando

frustrações ou mesmo a atribuição do estereótipo de mãe “desnaturada” quando esta não contempla as expectativas sociais.

No entanto, a padronização da figura sacralizada da mãe devota e exclusiva resulta em uma idealização materna que reflete uma visão burguesa da imagem feminina, visto que, mesmo durante o período de industrialização, as mulheres vinham rompendo com a estratificação de uma posição social restrita à esfera privada:

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras (LOURO, 1997)

Desta forma, percebemos que as mães se rendiam a cumprir seus afazeres maternos conjuntamente a jornadas exaustivas de trabalho, resultando em jornadas duplas ou triplas, somadas a desigualdades salariais e precariedade de direitos. Estas condições ainda se refletem no cotidiano das mulheres mães embora, paulatinamente, venham buscando meios de flexibilizar o padrão determinista prestigiado socialmente.

Embora a figura paterna venha gradualmente exercendo maior participação no ambiente privado e na criação e educação dos filhos, e ainda que o movimento feminista venha trazendo à luz maior igualdade de direitos e conquistando oportunidades de estudos e acesso a determinadas profissões, esta tarefa continua sendo majoritariamente feminina, e a mãe permanece como referência aos filhos pequenos para o cumprimento das responsabilidades domésticas e trocas afetivas. As mulheres assumem para si, segundo Louro (1997), novos encargos e atribuições da esfera pública tornando-se “visível” como sujeito e colocando-se numa posição de atividade em diversos campos de atuação. Porém, diante deste cenário encontramos uma “nova mulher, mas que vive sob o manto das velhas representações pois continuamos cobrando delas o velho modelo de mãe idealizada.” (AZEVEDO; ARRAIS, 2006).

As mulheres percebem-se, agora, com novas inclinações e interesses, encontram novas formas de realização pessoal, a representação feminina ganha novos contornos não mais restritos à maternidade elucidando incertezas e, sobretudo, culpa pela sensação de incapacidade em corresponder à expectativa de uma visão romantizada da maternidade.

Posto isto, a representação das mulheres como mães e a definição do amor materno como protótipo da relação mãe-filho tiveram uma relevante atribuição no novo conceito de família, estrutura que reproduzimos até a contemporaneidade (BIROLI, 2014). Entretanto, em

nossa sociedade, tem se tornado cada vez mais laborioso cumprir com este ideal materno. Partindo dessa premissa, podemos elencar a culpa materna, sentimento recorrente nos agradecimentos analisados, como um tipo de resultado da necessidade constante de enquadramento numa idealização materna, aquela imagem santificada de mulher incondicionalmente presente, afetuosa e sacrificada e, por consequência, a frustração por não atingi-la, o que pode ser evidenciado por Tourinho (2006, p. 30) quando aponta que “A rotina diária [...] exige um esforço extra-humano e a percepção de falhas nos papéis determina sentimentos de frustração e culpa. O afastamento do lar e dos filhos pequenos comportamento que não condiz com o ideal é também gerador de culpa”.

Os padrões de idealização materna seguem sendo reproduzidos hoje, ainda que com algumas variações. As redes sociais na internet vem sendo potenciais influenciadores na projeção de ideais comportamentais, inclusive de maternidade. Celebidades e *digital influencers* compartilham suas rotinas reproduzindo uma imagem, muitas vezes romantizada que serve de modelo de identificação e reconhecimento. Por outro lado, temos visto surgir uma série de questionamentos sobre este tipo de representação de maternidade hegemônica na mídia convencional, redes e mídias sociais e outros.

É interessante destacar que para a manutenção da subjetivação destas normas maternas são necessárias, segundo aponta Fabiana Marcello (2005b), técnicas diversas que sugerem ao sujeito-mãe formas de refletir e administrar sua prática materna de acordo com um ideal satisfatório. Dentre essas técnicas, a autora destaca o autocontrole como sendo uma das linhas de subjetivação a qual sugere uma relação entre o autocontrole e o cuidado do outro, no caso o filho. Isto significa que à mulher, ainda que grávida, lhe é posta a necessidade de desempenhar controle e domínio sobre seus atos e pensamentos, considerando que estes exercem uma influência sob o desenvolvimento e o bem estar do filho ainda que em gestação. Boas atitudes e bons pensamentos propiciam um ambiente favorável e tranquilo para gerar o bebê. Marcello, ao analisar relatos de celebridades-mães, observa em certa fala exemplo do autocontrole baseado em uma moral responsável:

Ao voltar-se para si mesma e reconhecer-se como sujeito de uma maternidade específica, Xuxa enfatiza a relação entre maternidade e certos valores, certos conceitos socialmente construídos como bons. Promove-se, assim, a duplicação de uma lógica na qual esses bons pensamentos correspondem a uma prática materna responsável. Tal fato está intimamente ligado a uma visão de infância que deve ser protegida – infância constantemente invocada por esse “dispositivo”. (MARCELLO, 2005b, p. 141).

Para se atingir esta atribuição normativa materna, o sujeito-mãe é tomado por este sentimento de cuidado e responsabilidade que sugere organização e controle sobre sua vida e corpo. Para Marcello (2005b), o corpo feminino sobretudo representa forte relação com a maternidade enquanto alvo das linhas de subjetivação, pois, ao gerar o outro, este torna-se não apenas o corpo privado da mãe, mas pertencente também ao próprio feto já que é a partir dele que se desenvolve, promovendo controle e sujeição. Silvana Maria Bitencourt (2017), a partir de Forna (1999) também enfatiza que, responsabilizar-se por proporcionar o ambiente ideal e favorável para o desenvolvimento do feto é dever da mãe e um direito do feto, a gestante que não propicia estas condições é considerada negligente ou irresponsável.

Esta relação das mulheres mães e gestantes com o próprio corpo e as demandas determinadas pelas novas atribuições femininas e estresse das exigências modernas despontam, também, sentimentos de culpa ou frustrações por não ser possível proporcionar este “ambiente” ideal de prudência e tranquilidade, gerando angústias e incertezas no cumprimento do ideal materno.

Ainda que hoje alguns ambientes profissionais sejam socialmente vistos como “femininos” ou que atividades sejam exercidas predominantemente por mulheres, como é o caso do magistério, as dificuldades para conciliar esfera pública e privada são frequentes, aliar a maternidade e vida doméstica às atividades acadêmicas e profissionais são um desafio que mulheres e principalmente mulheres mães vêm enfrentando ao longo dos anos.

Cumprir notar, ainda, que a maternidade é parte de um conjunto de discursos sobre a família nuclear tradicional, uma referência hegemônica que vem sendo reivindicada por grupos conservadores de parlamentares e religiosos no atual cenário política do nosso país. Isto nos leva a pensar na dimensão fortemente política da maternidade e no quanto as formas de exercê-la são constituídas politicamente, sendo, pois, uma narrativa em disputa que extrapola o lar e a família, cujos processos de significação se dão no âmbito social e da cultura.

2.2 O magistério como “extensão da maternidade”

A partir dos escritos de Guacira Lopes Louro (2008), podemos compreender a trajetória das mulheres na ocupação de novos espaços formativos e profissionais e como a maternidade esteve imbricada durante esse processo.

Com o crescente processo de industrialização e a importância da modernização do país, os discursos atrelados à educação ganharam relevância. Estas transformações urbanas trouxeram novas possibilidades e interesses para a escolarização e a necessidade de ampliá-la.

Contudo, junto aos novos setores econômicos, as oportunidades laborais para os homens se estenderam, abrindo novas possibilidades para as mulheres.

Os estudos para as mulheres se fizeram possíveis e ainda que representassem uma grande conquista, esta seguia pautada por seu destino: a maternidade. A entrada das mulheres na docência despertou opiniões distintas. Por um lado, a natureza feminina representava uma irracionalidade que não estava preparada para educar e formar para a modernidade, por outro, argumentos assemelhavam o ofício à natureza feminina através da afinidade das mulheres com as crianças. A associação do magistério a imagem maternal através da consolidação da inclinação natural feminina para a maternidade garantiu que a função feminina primordial não fosse afetada. Segundo Louro (2008, p. 450): “Esse discurso justificava a saída dos homens das salas de aula – dedicados agora a outras ocupações, muitas vezes mais rendosas – e legitimava a entrada das mulheres nas escolas”.

O magistério, por mais que estivesse vinculado às necessidades de subsistência, não poderia desviar as mulheres de seu exercício essencial: os deveres familiares. Desta forma, fazia-se necessário garantir que sua profissionalização não sucumbisse esse papel, caracterizando o magistério como trabalho temporário que perduraria até que sua função se estabelecesse: casar-se e ser mãe.

A consolidação do trabalho docente às mulheres também teve relação com sua duração. Por ser um trabalho de meio período, tornava-se viável desempenhar ambos os papéis, sem inadimplir com seus afazeres domésticos. Ainda segundo a autora, vale ressaltar que a gravidez também estava associada a uma incompatibilidade do trabalho com a maternidade sob argumentos que justificavam a incapacidade da mulher em repartir o cuidado entre lar e profissão.

Percebemos através desses resgates históricos a dificuldade da associação entre o exercício da maternidade e a profissionalização, obstáculo ainda presente na atualidade. Mulheres enfrentam diariamente dificuldades em conciliar as demandas pública e privada vendo-se, muitas vezes, sujeitadas a escolher entre as ocupações.

Ao analisar os dados do portal do Censo Escolar de 2007, do MEC, podemos perceber que o magistério, ainda hoje, possui relação com a figura feminina. Nas instituições de Educação infantil do Brasil, dentre as 95.643 professoras/es que atuam nas creches brasileiras 93.675 são mulheres e 1.968 são homens. Mesmo ao analisar os anos finais do ensino fundamental, os números indicam fortemente a associação do magistério a uma profissão feminina, dos 736.502 professores, 548.050 são mulheres e 188.452 são homens.

Para ilustrar esta realidade, vale destacar que durante o primeiro semestre de 2019, por exemplo, das quatrocentas matrículas regulares do curso de Pedagogia da UFSC, apenas 39 eram de estudantes do sexo masculino. Em relação ao corpo docente, havia 42 professoras e 15 professores, totalizando 57 profissionais. A presença de um número superior de mulheres também é comum nos campos de estágio obrigatórios e não obrigatórios, já que eles são realizados em instituições educativas voltadas para a infância.

2.3 Mãe universitária

Diante deste cenário, podemos inferir que o curso de Pedagogia da UFSC condiz com a afirmação normativa de que o magistério, em especial professoras das primeiras etapas da educação básica, é uma área profissional composta majoritariamente por mulheres. Como tal, é comum e esperado que estas mulheres possam vir a ter suas trajetórias acadêmicas atravessadas pela maternidade. Segundo a pesquisa realizada por Pamela Silveira (2019) no Campus da Universidade Federal de Santa Catarina com alunas do curso de Pedagogia, as entrevistadas que exerciam a maternidade simultaneamente à graduação, consideraram o processo difícil relatando uma sobrecarga no cotidiano e colocando a maternidade como um “dificultador das demandas acadêmicas”.

A pesquisa também apontou uma necessidade das estudantes em serem contempladas por ações de assistência estudantil ou maior flexibilização entre os docentes nos formatos e horários das aulas e prazos nas atividades acadêmicas, assim como a permissão da presença das crianças em sala, espaços adequados para as mesmas, bem como apoio psicológico e pedagógico para assegurar a permanência das mães na universidade. Foi recorrente, também, uma delegação à própria universidade, a responsabilidade na oferta de vagas no seu Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) e Colégio de Aplicação.⁴

Outra pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Preto com estudantes gestantes e nutrisses do ICISA – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas/UFOP, por Stefani Angeles Souza Reis, explicitou as objeções encontradas pelas alunas mediante a conciliação do cuidado dos bebês e os afazeres acadêmicos. Foram pauta das queixas apresentadas: a necessidade de um espaço físico adequado para a amamentação e higiene dos bebês, como salas de amamentação

⁴ O Núcleo de Desenvolvimento Infantil e o Colégio de Aplicação são escolas de educação infantil e Ensino Fundamental e médio respectivamente, vinculadas ao Centro de Ciências da Educação, abertas à comunidade com acesso via sorteio público e universal, tendo apenas reserva de vagas para crianças com deficiência.

e trocadores, a necessidade de uma creche universitária e a flexibilização das datas e horários para além dos três meses de licença maternidade (REIS, 2017).

Ana Maria Urpia e Sonia Sampaio (2017), baseadas em pesquisa realizada com quatro mães-universitárias, na faixa etária dos 19 aos 25 anos de idade, a partir da análise de suas experiências, observam algumas necessidades apontadas pelas acadêmicas durante a conciliação da maternidade e formação:

[...] sugerimos investir na ampliação e melhoria da qualidade de atendimento das creches universitárias, e que sejam implementados os seguintes mecanismos de apoio às estudantes-mães: o incentivo aos processos de retomada dos estudos após o nascimento de seus filhos, através, por exemplo, de uma oferta de horários que lhes permitam amamentar e cursar os componentes curriculares sem necessidade de trancamentos; a possibilidade de negociação de horários mais flexíveis no período em que as estudantes-mães fazem a inserção de suas crianças na creche; entrega posterior de material de estudo combinado com o(a) professor(a), de modo a justificar faltas, evitando reprovação, no caso de a criança precisar se ausentar da creche por motivo de saúde; além da possibilidade de a jovem com gravidez de risco finalizar o semestre com atividades domiciliares, mesmo não sendo os três últimos meses da gravidez, evitando o trancamento do semestre e até o abandono do curso, quando for confirmado, por laudo médico, o problema de saúde da estudante gestante (URPIA; SAMPAIO, 2017, p. 39).

Percebe-se entre as pesquisas citadas uma constante menção à necessidade de políticas de permanência relacionadas com o cuidado da criança e uma *humanização* dos espaços físicos, mas, principalmente, a necessidade de acordos entre professores e alunos e uma flexibilização dos prazos e horários, e não somente um apoio financeiro, visto que as demandas da maternidade se estendem além das horas de permanência na instituição. As queixas voltam-se em relação à estrutura física e organizacional em que a universidade está consolidada. Ou seja, tendo em conta que as mulheres seguem, aos olhos da sociedade, como principais responsáveis com os cuidados dos filhos, em especial os lactentes, a universidade em sua atual configuração não se apresenta como um ambiente favorável à maternidade, mostrando-se um espaço “masculino”, reflexo de uma ciência que se estruturou em bases predominantemente masculinas.

Estas queixas estão intimamente ligadas à estrutura na qual a ciência se estabeleceu. Para Estela Aquino (2006), a ciência foi baseada em valores androcêntricos que prejudicam a permanência das mulheres após a maternidade no meio acadêmico. Diante desta dificuldade, as estudantes mães assumem diversas estratégias para superar as carências assistenciais da universidade, optando por desistir ou adiar a carreira. Para a autora, não é o bastante assegurar o ingresso das mulheres sem uma real alteração cultural no ambiente universitário acompanhada de condições de permanência.

A Constituição Federal (CF), de 1988, Artigo 205, nos traz o conceito de educação como direito de todos, dever do Estado e responsabilidade da União, estados, Distrito Federal e municípios pela oferta de sistemas de ensino, estabelecendo responsabilidade pela garantia e efetivação desse direito. Sendo a educação um direito, as políticas de acesso, permanência e assistência estudantis são necessárias para a sua garantia.

A política de assistência estudantil, conforme Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010 é um conjunto de diretrizes que orientam a execução de ações para assegurar o acesso, democratizar as condições de permanência na educação superior pública federal, minimizar os efeitos das desigualdades na permanência e conclusão da educação superior; reduzir os índices de retenção e evasão e contribuir para a inclusão social através da educação.

Sendo assim, considerando as frequentes dificuldades encontradas na conciliação da maternidade e vida acadêmica, as mulheres universitárias mães podem vir a ter a necessidade de políticas públicas, enquanto direito, que garantam a permanência e conclusão no ensino superior:

Neste momento em que as universidades passam a tentar incluir no contexto universitário outras condições juvenis, implementando políticas que garantam o acesso e a permanência de parcelas da população juvenil antes excluídas, é fundamental atentar para categorias estudantis, como a de estudante-mãe, que permanecem obscurecidas por políticas de assistência que lutam para sobreviver, como a creche universitária [...] (URPIA, SAMPAIO, 2009, p. 39).

Atualmente, na UFSC, através da Pró-reitoria de assuntos estudantis – PRAE, segundo edital nº 2/2020/PRAE, de 10 de fevereiro de 2020, recebe recursos advindos do “Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, regulamentado pelo Decreto 7.234 de 19 de julho de 2010 e da matriz orçamentária da Universidade Federal de Santa Catarina para programas da Assistência Estudantil, entre eles o *auxílio creche*, destinado a estudantes da universidade federal de Santa Catarina, regularmente matriculados, com renda familiar *per capita* de até 1,5 salários mínimos, que possuem filhos de até 06 anos. Para aceder ao programa, é preciso comprovar inscrição em instituições educativas públicas demonstrando não ter obtido vaga e/ou estar em situação de lista de espera, bem como cumprimento das obrigаторiedades acadêmicas como frequência, matrícula e aprovação.

O auxílio creche destina-se ao pagamento de mensalidades de instituições educativas, bem como pagamentos de serviços de cuidadores (“babás”) e equivale a 448,00 reais sendo o valor parcial ou até 771,00, sendo o valor integral do benefício. Foram ofertadas **30 bolsas de auxílio creche para o semestre de 2020-1. A UFSC conta com aproximadamente 30 mil**

estudantes regularmente matriculados nos cursos de graduação, segundo o próprio site da instituição.

Entretanto, segundo Silveira (2019), na pesquisa realizada entre alunas-mães do curso de Pedagogia da UFSC, “constatou-se que a maior parte dos estudantes, desconhecem as ações de permanência oferecidas para as mães de baixa renda”.

A creche universitária é uma solicitação recorrente entre as alunas mães entrevistadas em diversas instituições de ensino superior. Segundo pesquisa realizada em 2018, entre todos os alunos com filhos (pais e mães) matriculados nas IFES do Brasil, apenas 0,9% utilizam creches universitárias⁵.

Diante de tantas dificuldades apontadas e da evidente necessidade de programas de assistência estudantil voltados para as mães universitárias, podemos deduzir que existe intrinsecamente estruturado um perfil “ideal” de aluno nas instituições de ensino superior federais do Brasil. Segundo pesquisa nacional do perfil socioeconômico e cultural dos (as) graduandos (as) das IFES em 2018, publicada em 2019 e apresentada pelo FONAPRACE e ANDIFES, 49,3% do total de acadêmicos são jovens com idade entre 20 e 24 anos. A proporção nacional de solteiros (as) é de 85,5% dos estudantes e a maternidade/ paternidade constituem condição de 1 a cada 10 estudantes, e à medida que se eleva a quantidade de filhos (as) diminui o percentual de estudantes do sexo feminino, ilustrando as dificuldades em conciliar a vida acadêmica com as demandas da maternidade.

Com estes dados, podemos ensaiar brevemente um perfil hegemônico entre os estudantes das IFES e perceber que as condições e estrutura das instituições federais de ensino superior apresentam condições mais favoráveis a alunos, jovens, solteiros e sem filhos.

Diante das dificuldades encontradas pelas mulheres mães na trajetória universitária e a carência de políticas de permanência e assistência estudantil voltadas para a maternidade efetivas, muitas graduandas se veem na necessidade de criar diferentes estratégias para driblar estas condições e seguir em frente. A família passa, então, a cumprir um papel de suporte nos cuidados da criança, ou seja, uma *rede social de apoio*.

Segundo Maria Auxiliadora Dessen e Marcela pereira Braz (2000 Apud LEWIS, 1987, p. 443-444), Rede social é um sistema composto por “...vários objetos sociais (pessoas), funções (atividades dessas pessoas) e situações (contexto)”, que auxiliam alguém por meio de apoio instrumental - financeiro, na divisão de responsabilidades ou informação - ou apoio emocional como trocas de afeto, incentivo ou preocupação. Uma família, ao ter sua estrutura modificada

⁵ V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018

pelo nascimento dos filhos, altera também sua rede social, recebendo principalmente apoio da família através de suporte emocional e instrumental. O apoio pela rede social costuma se intensificar em determinadas situações como retorno ao trabalho ou retomada dos estudos, como apontam Andrea Rapoport e Cesar Augusto Peccinini:

Em particular, o apoio social é muito importante em períodos potencialmente estressantes como, por exemplo, quando a mãe precisa cuidar do seu bebê e fazer as tarefas da casa, ou então quando retorna ao trabalho ou estudo, após o término da licença maternidade. Em função da mãe sentir-se sobrecarregada em cuidar do bebê, ou porque precisa se afastar de casa para trabalhar, surge a necessidade de escolher uma ou mais formas de cuidados alternativos para o bebê (RAPOPORT; PICCININI, 2006, p. 90).

De acordo com a pesquisa apresentada pelo FONAPRACE e ANDIFES, citada anteriormente, 60,7% das mães universitárias (sexo feminino) com filhos de até 5 anos dependem dos familiares para cuidados das crianças durante o período de permanência na universidade, 28,4% das mães deixam as crianças em instituições de ensino públicas ou privadas ou babás e 7,9% precisam levar os filhos para a universidade. Estes dados indicam a grande importância da *rede social de apoio* para o retorno das atividades acadêmicas pelas alunas mães cumprindo um papel assistencial na vida das acadêmicas.

Entretanto, esta ajuda, muitas vezes, indispensável dos familiares não se faz possível acarretando retenção e evasão nas universidades e o retorno apenas se torna plausível anos depois, após melhor estrutura, seja financeira ou organizacional da família, como pode ser observado na interpretação dos dados socioeconômicos e culturais dos alunos das IFES conforme pode-se observar no relato a seguir extraído da pesquisa:

A faixa etária “25 anos e mais” é majoritária, qualquer que seja o número de filhos (as). Sobretudo quando aumenta o número de filhos, cresce o percentual de pais e mães acima de 25 anos. Na faixa etária “17 anos e menos”, 1,4% tem filhos (as), percentual que sobe para 2,3 pontos dentre estudantes na faixa etária “De 18 a 24 anos” e para 30,6% na faixa etária “25 anos e mais”. Dentre estudantes que não tem filhos (as), 3/4 encontram-se na faixa etária “Menos de 25 anos” e 1/4 na faixa “Mais de 25 anos”. (FONAPRACE; ANDIFES, 2019, p. 60).

Este aspecto nos possibilita estabelecer conexões com os materiais de análise desta pesquisa, nos quais podemos observar diferentes atravessamentos que indicam como a maternidade é vivida diante do reflexo das estruturas sociais encontrados nos relatos das alunas graduandas mães nos textos de agradecimento dos TCCs de nosso curso de pedagogia.

3 DOS DISCURSOS DE GRATIDÃO – ESBOÇANDO ANÁLISES

Neste capítulo apresentarei a análise dos textos de gratidão das alunas mães encontrados nos TCCs do curso de Pedagogia publicados entre 2015 e 2018, disponíveis no Repositório Institucional da UFSC.

O mapeamento inicial da pesquisa, realizado por Pereira (2020), apontou 189 TCCs publicados, dos quais 181 são de alunas mulheres incluindo 3 trabalhos sem texto de agradecimento como pode ser observado em tabela a seguir:

Quadro: 01 – Distribuição de TCCs por ano letivo

Ano	TCCs	Sem Agrad.	Estudantes		Orientadoras/es	
			Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2015	34	1	2	32	1	33
2016	60	1	2	58	10	50
2017	52	1	3	49	9	43
2018	43	-	1	42	6	37
Total	189	3	8	181	26	163

Fonte: Tabela extraída do relatório de pesquisa de Pereira (2020), vide referências.

Ao analisar a tabela, podemos observar que ao longo do recorte temporal da pesquisa de 4 anos (de 2015 a 2018), 189 Trabalhos de Conclusão de Curso foram disponibilizados no repositório institucional da universidade e, destes, apenas 8 (oito) foram desenvolvidos por estudantes homens, o que nos ilustra o caráter predominantemente feminino do curso de Pedagogia da UFSC. Podemos perceber que esta característica se encontra presente nas estudantes, bem como entre o corpo docente, totalizando **163 pesquisas orientadas por professoras mulheres e 26 por professores homens**. A tabela nos sugere que os textos de gratidão, encontrados nos trabalhos selecionados, apresentam atravessamentos de gênero já que o curso de Pedagogia é composto majoritariamente por mulheres, reflexo da trajetória da docência, historicamente associada a atribuições “essencialmente” femininas, como observa Louro (2008) ao descrever o processo de feminização do magistério.

Dentre os agradecimentos extraídos dos TCCs de alunas mulheres, foram encontrados 46 Agradecimentos de estudantes que se identificaram enquanto mães, distribuídos da seguinte maneira ao longo dos anos analisados:

Quadro 02 – Agradecimentos de estudantes mães por ano letivo

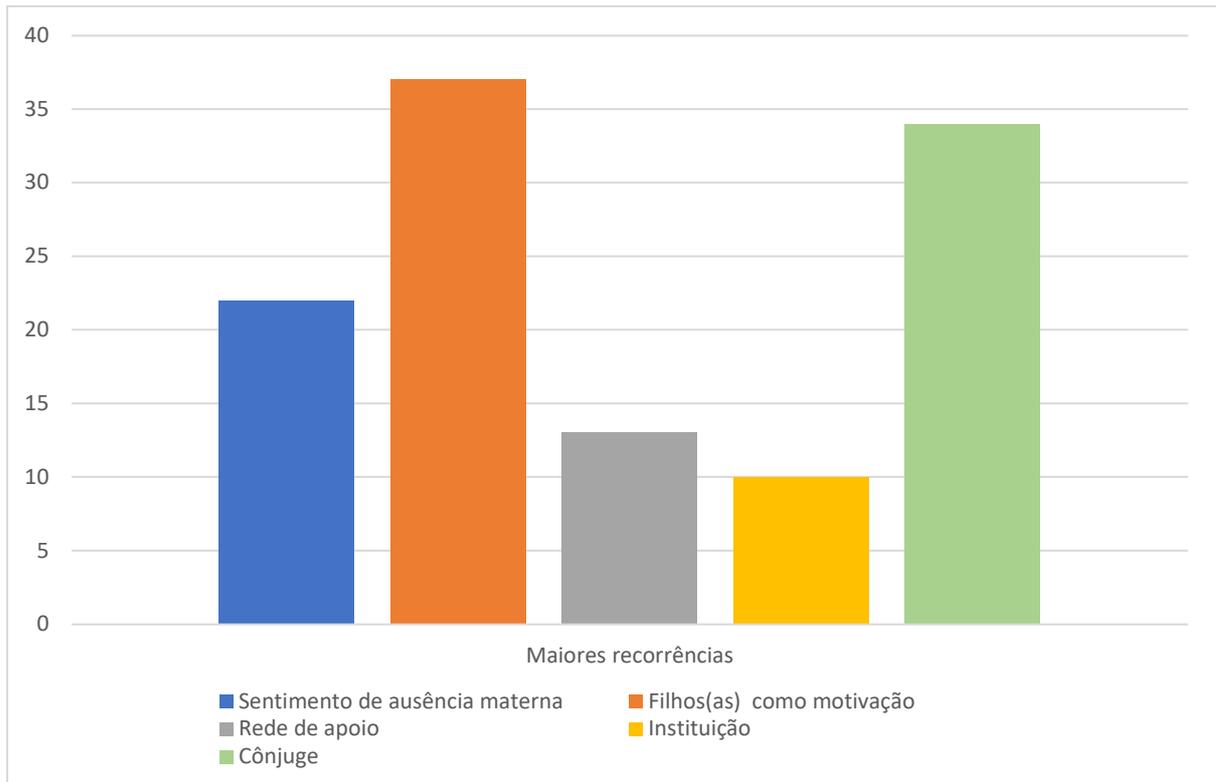
ANO LETIVO	AGRAD. DE ESTUDANTES MULHERES	AGRAD. DE ESTUDANTES MÃES
2015	32	11
2016	58	15
2017	49	7
2018	42	13
TOTAL	181	46

A partir da análise destes documentos, foi possível identificar diversos discursos de agradecimento e possíveis repertórios culturais que os atravessam, estruturas e papéis sociais que se apresentam através de um semblante materno, bem como a configuração social para que este se estabeleça.

Fabiana Marcello (2005a) aponta uma constituição normativa do dispositivo da maternidade, no qual tanto sujeitos-mães quanto modalidades maternas, participam. Sendo assim, os discursos encontrados são permeados por características que, muitas vezes, se repetem entre os agradecimentos analisados das alunas mães, indicando uma normativa na maternagem e organização familiar para além das modalidades maternas.

A partir do mapeamento dos textos de gratidão pode observar quatro principais discursos que atravessam os quarenta e seis (46) agradecimentos das mães universitárias destinados aos filhos e filhas, a saber: a) Os agradecimentos aos cônjuges; b) Os agradecimentos pela compreensão por parte dos filhos devido à ausência materna; c) Os agradecimentos aos filhos como agentes motivadores do processo de formação, ou seja, como fonte de inspiração ou como motivador no processo do trabalho/curso através de palavras de apoio ou afeto; d) Gratidão à rede de apoio composta por pessoas que ajudaram nos cuidados das crianças para que elas pudessem estudar. Há também agradecimentos à Universidade, que possuem importância significativa nas análises desta pesquisa, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 01 – Principais discursos encontrados entre os agradecimentos de alunas mães.



Dentre os 46 textos analisados, os agradecimentos direcionados aos filhos e filhas como fonte de inspiração ou motivação forma os mais recorrentes, estando presentes em 37 textos. A gratidão aos cônjuges/companheiros também foi expressiva, totalizando 34 menções. Outra expressão recorrente foi o pedido de desculpas aos filhos e filhas pelas ausências da mãe durante o processo de formação ou realização do TCC, pois dos 46 agradecimentos, 22 sugeriram esse sentimento de culpa. A gratidão aos familiares e amigos que auxiliaram nos cuidados com os/as filhos/as ou a quem lhes foram conferidos estes cuidados durante as ausências das estudantes mães também foram recorrentes, com 13 registros. Por fim, os agradecimentos à instituição totalizaram 10 referências. Vale ressaltar em relação à categoria “UFSC” que os agradecimentos foram selecionados quando houve citação direta à universidade enquanto instituição (espaço físico ou programas institucionais como bolsas de permanência, estágios, núcleos de pesquisa, auxílios, setores, projetos).

Considerando estas recorrências, o conjunto das narrativas das estudantes possibilitam identificar quatro focos analíticos para esta seção, sobre os quais dissertarei a seguir, quais sejam: 1) A família; 2) Idealização materna: Nasce uma mãe, nasce uma culpa; 3) Foi por vocês e para vocês, em que filhos e filhas são narrados/as como motivadores/as; 4) Gratidão à rede de apoio.

3.1 Família

Não posso deixar de expressar o quanto eu sou grata à minha família, da qual eu tenho tanto orgulho de fazer parte e que muito me apoiou nesse momento. (2018)

Minha família agradeço em especial pois tenho certeza que mesmo com as cobranças só queriam me ver aqui na reta final (2018)

De acordo com a pesquisa maior, realizada por Pereira (2020), as menções à família têm centralidade entre os repertórios dos textos de gratidão dos TCCs do curso de Pedagogia analisados. Segundo a autora, os agradecimentos à família estiveram presentes em 179 dos 181 Agradecimentos mapeados.

É relevante explicar que por família entendemos diferentes agrupamentos de pessoas com relações de parentesco, biológicas ou não, a partir de um conjunto de práticas historicamente construídas. Segundo Philippe Ariés (2017), esta organização passa evocar a noção de criança como ser diferente do adulto e mais recentemente, pela ideia de infância. O autor observa que entre os séculos V e XV os espaços da família mesclavam o público e o privado e as crianças, tidas como miniaturas dos adultos, participavam ativamente destes espaços. No século VIII, com o surgimento do modelo aristocrático de família, há a predominância da vida privada e com maior possibilidade de controle por meio das necessidades emergentes à época, como de saúde e educação das crianças, que passam a ser o foco central da sociedade.

A família baseada na tradição, transmissão de posses vai sendo alterada e passa a importar, a partir da metade do século XVIII, as referências afetivas. Mais adiante a família vai se organizar a partir de um modelo hegemônico de organização social das sociedades industriais.

Biroli (2014) observa que a forma como conhecemos hoje a família se dá por representações dos papéis sociais de gênero bem como representações de infância e das relações entre adultos e crianças. Observar a forma como estão simbolizadas as organizações familiares, recorrentes nos agradecimentos, possibilita maior compreensão destas estruturas sociais e das relações sociais de poder imbricadas nesse contexto. Da mesma forma, os agradecimentos retratam sentimentos e afetos singulares em decorrência de vivências individuais, no entanto, a forma como estes sentimentos são sentidos e exteriorizados adentram a uma dimensão política e cultural como salienta Pereira:

[...] Importa que a carga de emoção destes textos e a gratidão neles manifestados nos permite pensar nas condições que possibilitam este sentimento e na dimensão política

dos nossos afetos. Com isso quero dizer que os modos como somos afetadas/os pelas coisas e pelas pessoas não são naturais e estão relacionados com processos de significação que se dão no âmbito da cultura e das relações sociais, que, por sua vez, são sempre relações de poder. (PEREIRA, 2020, p. 27)

A partir dos textos de gratidão, ao analisar as estruturas familiares predominantes, pude encontrar duas principais modalidades de família: 34 dos 46 agradecimentos continham expressões de gratidão aos cônjuges. Todas as referências à parceria afetiva foram ao gênero masculino indicando uma configuração familiar heteronormativa, o que sugere que a autora do agradecimento é *mãe e casada* ou mantém compromisso afetivo com alguém do gênero oposto. Doze mulheres não mencionam parceiro sugerindo uma *maternidade solo*.

Considerando a grande recorrência dos agradecimentos aos maridos/parceiros, podemos considerar que a relação conjugal está colocada em destaque e é de grande prioridade na escolha das motivações à gratidão por parte das estudantes. Esta preferência pode ser observada nos relatos e é justificada por alguns repertórios encontrados com regularidade, são eles: gratidão pela proteção e segurança; gratidão pela *compreensão* e paciência pela ausência e à ajuda técnica na produção do TCC.

Ao meu marido, [...], **por ter auxiliado na elaboração de planilhas e gráficos**, quando as limitações tecnológicas se mostraram tão gigantes e intransponíveis. Meu carinho especial **por sua paciência e cuidado**. (2016)

Outro repertório que foi possível observar é o caráter romantizado da forma como as estudantes se referem a esses cônjuges. Pude observar que o *Amor Romântico* atravessa as representações afetivas das estudantes. Para Giddens (1993), o amor romântico vem sendo referência entre os relacionamentos desde o século XVIII, refere-se a uma construção sociocultural onde o romantismo atua como regulador e reproduzidor de uma normatização social. Ao se estabelecer um laço, cria-se também uma história individualizada de integração do Eu e do Outro em uma narrativa direcionada ao futuro. A ideia de amor romântico pode ser observada nos seguintes excertos, quando as estudantes sugerem, em referência aos parceiros, uma relação ímpar, inigualável e indissociável:

Ao meu preciso amor, o dono dos olhos mais lindo que os meus olhos já cruzaram. Ao meu companheiro [...], por se dedicar tanto a mim. **Por ter vivido tão intensamente tudo isso comigo.** Por ter me dado colo quando precisei, por ter me animado quando eu pensei em desistir e **por sempre acreditar em mim quando nem eu mesma acredito mais.** **Pela cumplicidade, pelo companheirismo, pelo amor**, pelas conversas, pelos maiores e melhores dois presentes da minha vida. (2018)

Ao meu esposo e **companheiro com quem compartilho a vida e tudo que nela há**, meu amado [...] (2015)

Ao meu marido, [...], que representa minha segurança em todos os aspectos, **meu companheiro incondicional** (2016)

Agradeço ao meu esposo [...], também **uma pessoa importante em minha vida, sei que a minha vitória é também um pouco tua** (2016)

Obrigada amor. A ti todo o meu amor e gratidão [...] **Agora nos resta colher os frutos das sementes que juntos plantamos.** (2016)

Podemos observar que os agradecimentos direcionados aos parceiros são frequentemente permeados por falas que sugerem forte companheirismo, parceria e apoio mútuo diante às dificuldades cotidianas, ainda que exista um esforço por parte dos companheiros para tornar possível o acesso e a permanência das mulheres na universidade, os discursos reproduzem, por outro lado, ainda uma estrutura hegemônica familiar com a centralidade da figura masculina enquanto provedora da segurança e do sustento da família e do lar. Biroli (2014) descreve esta configuração como família nuclear, representada pelo ambiente privado provido pelo trabalho do chefe de família e seu zelo pelas mulheres que a ela pertencem, estrutura que se estabelece com a consolidação do capitalismo e a separação das esferas público-privadas e que mantém seus alicerces ainda hoje em grande parte dos lares. Dizeres com conotações que sugerem a dependência financeira das mulheres e um “papel” paternalista e provedor aos maridos podem ser observados nos seguintes trechos:

Ao meu marido, [...], que representa minha segurança em todos os aspectos, meu companheiro incondicional, o abraço espontâneo e tão necessário. Obrigada por me fazer sentir tão amada, também nos momentos mais difíceis de nossas vidas. (2016)

Agradeço imensamente **ao meu marido** que foi quem me incentivou a prestar o vestibular no ano de 2008, e **por ter mantido nossa família financeiramente para que eu dedicasse meu tempo aos estudos** e por todo o apoio neste momento de escrita do TCC. (2016)

Ao meu esposo [...], obrigada meu amor pela compreensão, pela dedicação, por me incentivar e **proporcionar condições para me dedicar exclusivamente a esta trajetória formativa**. Pelos conselhos, **pelo cuidado, pelo zelo**, por me cercar de amor em cada gesto. (2015)

Ao meu marido, [...] Meu carinho especial por sua *paciência* e **cuidado**. (2016)

Em vários textos dedicados aos parceiros, como observado anteriormente, foi possível perceber um recorrente sentimento de gratidão pelo apoio e incentivo na realização do curso e

pesquisa, 15 entre os 34 agradecimentos a cônjuges demonstram reconhecimento pelo encorajamento por parte dos parceiros na realização e conclusão do curso superior, este número pode sugerir novas configurações nos papéis sociais de gênero, indicando masculinidades mais comprometidas com a ascensão profissional das mulheres e valorizando as conquistas femininas.

Em primeiro lugar, **agradeço a meu marido**, amigo e companheiro **que sempre me estimulou a ir a busca de conhecimento. Foi e é meu principal incentivador** (2017)

Quero agradecer à minha família também. **Ao meu marido, que me incentivou a cursar Pedagogia** (2018)

No entanto, também 15 (por vezes da mesma estudante) textos trazem discursos de agradecimento à *compreensão e paciência pelas ausências* durante o tempo dedicado aos estudos, o que demonstra certa contradição entre incentivo e cobrança, os sentimentos de gratidão à compreensão e paciência do parceiro sugerem uma espécie de concessão temporária das demandas do ambiente privado para os afazeres acadêmicos. Essa necessidade de agradecer a uma aparente condescendência masculina pode indicar, ainda, uma sujeição feminina em relação à esfera pública, reproduzindo estruturas sociais machistas como é possível observar nos seguintes discursos:

Agradeço a meu esposo [...] por compreender a persistência nessa longa jornada pela realização de um sonho. (2015)

Ao meu companheiro [...], que obteve muita paciência para me ajudar em meus trabalhos acadêmicos e compreensão na minha ausência como esposa (2015)

Agradeço ao meu esposo [...], Muito obrigada pelo apoio prestado, pela paciência e alegrias. (2016)

A ti todo o meu amor e **gratidão pelas vezes que me entendeu e por outras que apenas respeitou [...]** (2016)

Ao meu esposo e a meus filhos que de abdicaram de minha presença nas incontáveis tardes e noites de estudo (2016)

Ao meu companheiro [...] por ter compreendido e saber o quanto é importante esse momento para mim (2016)

Meu esposo [...] e minha filha [...], **pelo apoio e compreensão nos momentos em que me ausentei para produção deste trabalho.** (2018)

Estes excertos sugerem um sentimento de culpa, possivelmente atrelado a um ideal feminino de esposa, ainda que haja grandes incentivos para que as mulheres se dediquem à sua

formação acadêmica e profissional, mantém-se uma cobrança para que cumpram com as demandas domésticas, eventualmente supridas pelos maridos durante a realização do curso, atitude passível de gratidão como pode ser observado nos seguintes trechos:

Ao meu esposo e companheiro [...] obrigada meu amor *pela compreensão, pela dedicação, por ser pai e mãe quando precisei me ausentar* (2015)

Ao meu marido e companheiro [...] que sempre esteve ao meu lado me dando conselhos e por não ter me deixado desistir mesmo nas horas mais difíceis. **Especialmente neste último semestre, onde cuidou de mim e da casa** (2015)

Ao meu companheiro [...], pelo apoio em todos os momentos, em que me ajudou muito **enquanto me dedicava aos estudos, realizou os afazeres de casa e os cuidados com nosso filho** [...] (2016)

Ao meu esposo, agradeço *pela compreensão, pela paciência, pela ajuda nas atividades cotidianas* (2016)

Dentre os discursos de gratidão, os pedidos por compreensão e paciência não foram uma especificidade dos agradecimentos direcionados aos parceiros, este repertório foi também observado entre as menções aos filhos, ainda que de forma mais intensa e com maior carga emocional como apresento no próximo tópico.

3.2 Ideal Materno – “Nasce uma mãe, nasce uma culpa”

A expressão popular “Nasce uma mãe, nasce uma culpa” que utilizo como título desta subseção sugere a conexão entre maternidade e culpa, existente em nossa cultura. Diante dos agradecimentos analisados me deparei com recorrentes discursos que sugerem um sentimento de culpa ou pedido de compreensão, por parte dos filhos, pelas eventuais ausências e distanciamento em decorrência dos compromissos acadêmicos. Estes agradecimentos expressaram uma conotação de angústia devido à necessidade de dividir a atenção entre as exigências da universidade e os filhos, deixando implícita uma escusa por um suposto desamparo ou abandono dos filhos durante o curso. A expressão desse sentimento de culpa presente nos agradecimentos pressupõe um aparente pesar pelo descumprimento do padrão idealizado de maternidade o qual tem por característica marcante a presença e devoção incondicional.

Como é possível analisar nos trechos a seguir, a principal razão que leva essas mulheres a sentir a necessidade de agradecer aos filhos por compreensão é a “*ausência*”. Entendemos,

então, por esta ausência, um distanciamento temporário do lar, sugerindo que em consequência dela, haveria carência ou insuficiência de uma função insubstituível e exclusivamente materna:

Ao meu filho [...], que durante esta caminhada acadêmica soube respeitar e entender minha ausência física de mãe. (2015)

Ao meu filho [...], por compreender minhas eventuais ausências (2016)

A meus filhos [...] pelo carinho e amizade que doaram a mim todos os dias; pela forma como entenderam a minha falta em casa nos momentos de estudo. (2015)

Agradeço aos meus filhos [...] por toda alegria e motivação que me deram, mesmo sem entender ao certo os motivos das ausências. (2015)

Dedico este trabalho ao meu esposo e a meus filhos que de abdicaram de minha presença nas incontáveis tardes e noites de estudo. (2016)

Agradeço às minhas filhas que perderam um pouco da atenção maternal, mas que mesmo sentindo minha falta, me apoiaram cada uma a seu modo. (2017)

Embora os discursos referentes à *ausência* tenham sido recorrentes nos agradecimentos, a forma como foram expressos são, em sua maioria, semelhantes entre si e com poucos desdobramentos, indicando um sentimento muito específico e preciso. No entanto, podemos perceber certas nuances na intensidade em alguns agradecimentos, com maior carga emocional ao relatar as formas como estas mães encontraram a fim de suprir estas ausências:

Mas principalmente ao meu filho [...], razão do meu viver e amor da minha vida, peço desculpas pelas horas de abandono na creche e em frente à televisão, enquanto eu estudava. (2015)

À [...], pela paciência de criança/adolescente que queria a presença da mãe e eu estava sempre ausente. Peço desculpas a ela pelas várias vezes em que eu aluguei vários filmes para que ela assistisse até tarde e eu assim poder acordar bem cedo para colocar os meus estudos em dias. (2015)

Nestes fragmentos o sentimento de culpa encontra-se evidente, é possível dialogar com Tourinho (2006) citada anteriormente nesta pesquisa, quando afirma que as normas sociais que atravessam a maternidade exercem diferentes mecanismos psicológicos, entre eles a culpa, resultado do enquadramento de ideais consolidados e incorporados pelas mulheres.

Vale destacar no primeiro excerto citado anteriormente, está aliado ao pedido de desculpas, uma referência à creche como lugar de *abandono*, fica implícita uma concepção de creche que nega o caráter pedagógico e de grandes benefícios para a criança e se apresenta enquanto ambiente assistencial que cobre a ausência da mãe que não pode cumprir com seu

“papel”, gerando angústia e culpa pela impossibilidade de dedicação e devoção integrais, reproduções de um ideal romantizado de maternidade.

O sentimento de culpa exteriorizado, nos permite refletir o quanto as mulheres são subjetivadas a partir de ideais maternos limitadores que valorizam esta devoção incondicional aos filhos e a renúncia. A renúncia, enquanto diretriz romantizada deste ideal materno, que ainda reproduzimos, suscita fortes conflitos se considerarmos as lutas e conquistas femininas. As mulheres ao tornarem-se mães, muitas vezes, deparam-se com a necessidade de fazer escolhas entre resignar-se ao ideal materno, abdicando de realizações pessoais ou romper com a estrutura hegemônica de maternagem e contemplar seus desejos. Entretanto, esta ruptura usualmente é acompanhada de grande carga de culpa e julgamento. Ainda que o desejo da mãe venha a ser a dedicação integral à maternidade, cada dia torna-se mais difícil, senão inviável, abdicar das urgências e exigências da esfera pública, o que mantém as mulheres diante do dilema da impossibilidade de cumprimento deste ideal, resultando novamente na culpa.

A culpa também se atravessa no processo de subjetivação dos corpos maternos. O corpo do sujeito-mãe, segundo Marcello (2005b) é capaz de ser modificado, controlado e regulado em virtude de uma prática materna normativa. É recorrente que o entorno da mulher grávida, as mídias, entre outros artefatos da cultura que atuam na regulação destes dispositivos de maternidade apontem estratégias de controle deste corpo em nome de uma saúde e integridade da vida que ali está se formando. Esta modalidade de culpa, decorrente de uma idealização de gestação foi observado entre os agradecimentos das estudantes mães:

Obrigada também **ao filho que estou esperando. Por aguentar e sentir junto á mim, o estresse, a ansiedade e dores da gestação.** Emoções de extrema intensidade vivida para a conclusão do curso. (2015)

O excerto sinaliza uma preocupação, dadas as circunstâncias de estresse vividas pela gestante, com o bem estar do feto, enfatizando a ideia de responsabilidade, (auto)controle e disciplina em relação aos corpos femininos durante uma gestação.

Essa busca constante pela normatização e adequação às modalidades maternas hegemônicas em contraposição à pluralidade das subjetividades por vezes resultam em angústias e conflitos. É possível que hoje, apesar das grandes conquistas dos movimentos feministas e das lutas pela emancipação feminina, ainda estejam atrelados nos discursos elementos que reproduzem estruturas sociais ideais de gênero cristalizadas e que junto à crescente demanda de responsabilidades, jornadas duplas e exigências resultem em apreensão

e frustrações perante a incapacidade de atingir tais ideais. Esta inquietude pode ser observada em um fragmento de 2015:

Agradeço as muitas colegas das diversas turmas em que estudei, em especial [...], parceira de estágios, e [...], **mães como eu**, com quem pude contar pra dividir **as angústias de ser mulher (2015)**.

Contudo, as menções aos filhos e filhas nos agradecimentos nem sempre são carregadas de tensões, os filhos, entre os 46 textos analisados, apareceram 37 vezes em discursos entusiastas de motivação e inspiração, ainda que um mesmo agradecimento apresente flutuações entre os sentimentos de culpa e aprazimento, diante desses discursos de apoio e incentivo, foi possível observar atravessamentos de gênero e classe.

3.3 “Foi por vocês, para vocês”

O título acima foi inspirado em expressões encontradas nos agradecimentos em que os filhos e filhas são narrados/as como agentes motivadores para algumas estudantes.

Aos meus meninos, [...], **obrigada por me alegrarem nos momentos mais difíceis da minha vida, vocês são meus amores. (2015)**

[...] e **a minha filha [...]**, que direta ou indiretamente, acompanharam-me desde o início da minha jornada, dos meus sonhos, **acolhendo-me, incentivando, dando-me amor e transmitindo confiança a todo instante, sempre acreditando no meu potencial. Amo muito vocês. (2015)**

Aos **meus filhos: [...]** **pelo carinho e amizade que doaram a mim todos os dias (2015)**

Os números expressivos de agradecimentos aos filhos por estímulo e encorajamento nos sugerem que, apesar das difíceis lutas para aliar as demandas de um mundo extra-lar à maternidade, estas relações mãe-filho são providas de um sentimento muito particular de confiança, parceria, amor e afeto.

Foi possível identificar em alguns textos de agradecimentos que os filhos são apresentados como motivadores, seja através de palavras de afeto e incentivo ou como principal motivo pelo qual a estudante se mantém na trajetória acadêmica. Alguns trechos indicam principalmente uma narrativa voltada para um futuro de melhores condições, uma promessa de “mundo melhor” ou maiores oportunidades financeiras, como pode ser observado:

Aos meus filhos [...]. **É por vocês que estou hoje aqui finalizando este curso. Para que daqui para frente possa lhes proporcionar um futuro melhor.** (2017)

E, por fim, **ao meu filho [...]** Que ele tenha a certeza **que foi o meu maior estímulo para seguir em frente na busca de um mundo com mais conhecimento.** A ele minha eterna gratidão e minha vida. (2016)

Por fim e, porém não menos importante quero agradecer aos meus filhos [...]. **Foi por vocês e para vocês,** meu tesouro e minha herança mais valiosa são vocês. (2016)

Aos meus filhos [...], **foi por eles e para eles que continuei,** quando no meio do caminho pensava em desistir, e não foi fácil. (2018)

Houve, também, uma relação entre os agradecimentos aos filhos com conotações mais positivas e a presença de elementos que indicam filhos mais velhos, podendo sugerir que há maiores dificuldades em conciliar a vida acadêmica à maternidade quando os filhos são menores, provavelmente associado à dificuldade de contar com uma rede de apoio ou políticas de permanência.

Sendo a universidade um espaço androcêntrico, como argumenta Aquino (2006) e, por consequência, com pouca, por vezes nenhuma, estrutura física e organizacional adequada à permanência de quem tem filhos pequenos, as mulheres universitárias mães - principalmente de bebês e crianças menores - veem-se, em alguns casos, na necessidade de interromper sua trajetória acadêmica, buscando recuperar essa realização anos mais tarde.

Cursar uma faculdade foi por muito tempo **um sonho muito distante.** Casei, **tive duas filhas,** mudei várias vezes de cidade, **passei muito trabalho.** Achava que nunca concretizaria meu sonho, principalmente **quando minhas filhas cresceram** e estavam quase chegando à universidade. (2015)

Este trecho sugere uma grande dificuldade em vários aspectos possíveis, mas associa a maternidade a uma procrastinação da graduação deixando implícita uma dificuldade em vincular ambas as funções.

Esta entrada tardia na universidade possivelmente em virtude da maternidade também pode ser observada em trechos de graduandas mães que agradecem aos filhos (adolescentes/adultos) pelo apoio técnico na trajetória acadêmica, contribuindo na realização de trabalhos e domínio das ferramentas de estudo como pode ser observado nos agradecimentos a seguir:

As minhas filhas [...], **com quem iniciei junto esse processo de ingresso na universidade e pela ajuda na compreensão dos conteúdos acadêmicos.** No início os conceitos, termos e ferramentas acadêmicas não faziam parte da minha vivência e **ela me**

auxiliou nesse novo contexto acadêmico. Ela que muitas vezes deixou de dormir para me ensinar a colocar textos no moodle, ver minha grade acadêmica e ler os meus textos sempre que eu precisei. (2015)

[...], minha filha, **que insistiu para que eu me candidatasse em uma vaga na UFSC, e que me orientou nos primeiros passos dessa caminhada.** (2017)

Esta pesquisa é dedicada às minhas filhas, [...], por acreditarem no meu sonho. À [...], **pela revisão carinhosa deste trabalho.** Obrigada, filha. (2017)

E em especial minha filha [...], a qual sabe os momentos difíceis aos quais passamos. **Sem a sua insistência permanente e contínua, me falando para estudar, não teria nem mesmo sido aprovada no vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina no curso de Pedagogia.** Muito obrigada filha amada. (2018)

Aos meus filhos [...] por terem colocado a primeira semente para germinar e me fazerem acreditar no meu potencial, quando **eles me incentivaram a prestar o Vestibular e voltar a estudar.** (2018)

Um beijo especial à [...], **por traduzir o abstract.** (2016)

Esses trechos nos permitem considerar um possível ideal de aluno nas universidades públicas. As estudantes sugerem, ao citarem a ajuda técnica e encorajamento de filhos, que estes já frequentam a universidade ou que possuem aparente familiaridade com ambiente acadêmico, e, portanto, são adolescentes ou adultos.

As estudantes mães que entram na universidade com filhos mais velhos, não deixam explícito o porquê do ingresso ter sido adiado ou interrompido, mas é possível pensar na possibilidade da maternidade ter influenciado na decisão. É possível fazer essa associação, se retomarmos à pesquisa realizada pelo FONAPRACE e ANDIFES citada anteriormente, a qual indica que 49,3% do total de acadêmicos são jovens entre 20 e 24 anos e que entre as alunas mães a faixa etária “25 anos e mais” é majoritária.

A idealização de um tempo padrão de ingresso pode ser encontrado, por exemplo, no agradecimento de uma estudante que destaca sua idade como fora da norma:

A minha querida mãe [...] que sempre quis que eu continuasse meus estudos, **mesmo com um pouco mais da idade normal** eu consegui realizar o sonho de fazer um curso superior. Amo a senhora! (2016)

Se observarmos as estatísticas e o perfil dos alunos das universidades públicas percebemos que há predominância de um determinado tipo de aluno (jovem e sem filhos). É importante refletir que a prevalência deste aparente “ideal” de aluno pode ser convencionalizado, não apenas por padrões sociais cristalizados que estabelecem uma ordem ideal de realizações

peçoais – como cursar uma universidade logo após a conclusão do ensino médio e antes de constituir uma família -, mas também pelas próprias condições que a universidade dispõe para garantir que os estudantes possam acessar e permanecer no ambiente acadêmico, abrangendo as inconstâncias da vida.

Os agradecimentos que indicam uma escolha por interromper a graduação e retomá-la tempo depois, nos possibilita outro debate também relevante: as estratégias encontradas pelas estudantes mães de crianças menores para que isso não ocorra, quais instrumentos que possibilitaram a permanência destas graduandas estão presentes nos agradecimentos?

3.4 Gratidão à rede de apoio

Conforme anteriormente citada, Biroli (2014) contextualiza aspectos históricos da família e sua relação com o avanço de uma sociedade industrializada. Esta privatização dos núcleos domésticos teve notável importância na estruturação do que conhecemos hoje por família e relevante conquista no reconhecimento da infância, ainda que a serviço de uma nova estrutura econômica que se estabelecia pautada no consumo. Entretanto, a aceleração do capitalismo e das liberdades particulares, segue reorganizando a forma de viver em sociedade e as relações familiares. Conforme essas mudanças se estabelecem e a vida privada se democratiza, a sociedade se individualiza.

Segundo Geraldo Romanelli (2000, p. 87) conforme citado por Nayara Hakime Dutra Oliveira (2009, p. 80): “[...] o familismo tende a ser gradativamente deslocado e substituído pelo individualismo”. Em consequência deste arranjo neoliberal, vem sendo reforçada a responsabilidade dos indivíduos pela proteção de seus núcleos familiares, em detrimento a uma responsabilidade coletiva social. O individualismo que vivenciamos hoje está diretamente associado à reflexão acerca da maternidade na contemporaneidade.

Com um mundo individualista e com núcleos familiares cada vez menores (BIROLI, 2004), a responsabilidade dos filhos concentra-se sobre o indivíduo que por sua vez, encontra-se com menos apoio coletivo. Os ambientes públicos têm estruturas físicas que pouco acolhem pessoas com crianças pequenas – incluso a universidade. São raros os estabelecimentos com banheiros adequados, trocadores, espaços lúdicos, etc. Esta responsabilização individual pelos filhos, associada à grande demanda laboral contribuem para uma notável necessidade das mães em buscarem redes sociais de apoio.

Ao analisarmos os agradecimentos das estudantes mães, encontramos diversos discursos de gratidão às pessoas que auxiliaram nos cuidados com os/as filhos/as, e que em alguma

medida, atuaram como rede de apoio. A ênfase na gratidão às cuidadoras das crianças durante as ausências para a realização das atividades acadêmicas nos leva a refletir sobre quão valorizada é esta relação, presumivelmente vinculada à grande dificuldade de associar a maternidade às demandas da universidade.

A intensidade no agradecimento ao apoio durante as ausências pode ser observada em alguns agradecimentos:

Minha mãe [...] Com certeza sem sua ajuda jamais conseguiria realizar algo tão grandioso. **Sem seu apoio nos momentos que mais precisei me ausentar**, eu jamais teria conseguido. (2017)

Agradeço também **algumas amigas** de fora da universidade, mas que **foram presentes durante o curso e me ajudaram em diversos momentos nos cuidados com minha filha**, muito obrigada [...] (2018)

A minha sogra [...] **por todo zelo para com minha filha nos momentos em que precisei**. (2016)

Agradeço à minha querida avó [...] **que tomou para si a responsabilidade maternal que não lhe cabia** [...] (2015)

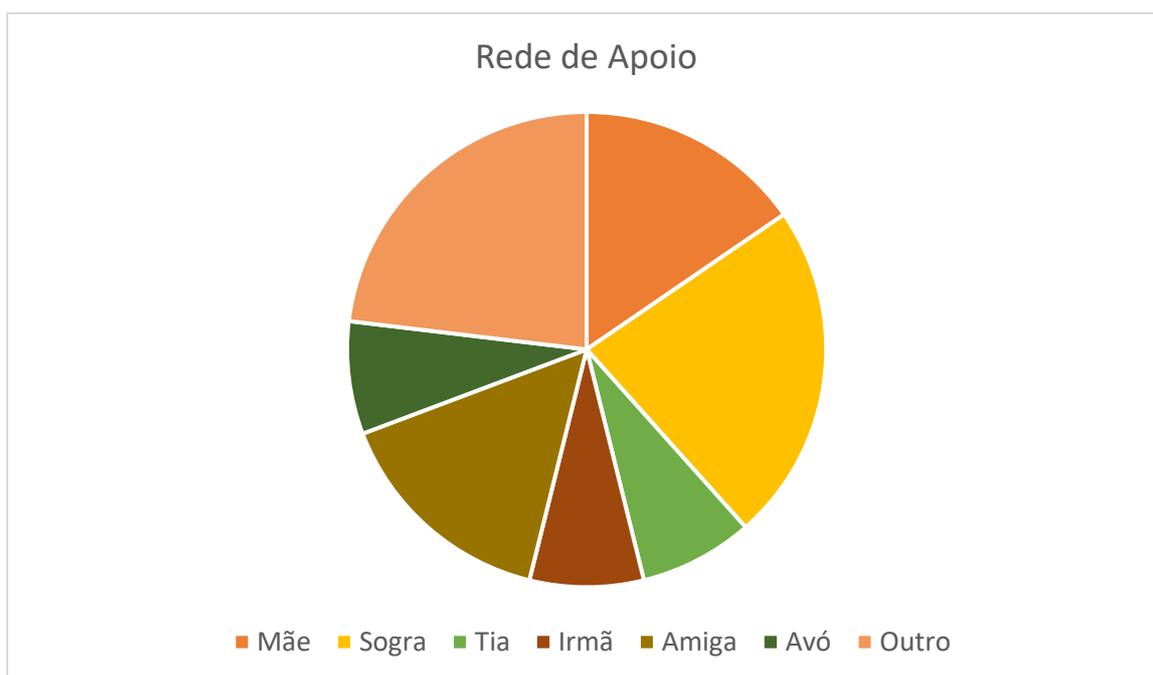
É possível perceber que há nos agradecimentos aos cuidadores uma relação de confiança e segurança, mas principalmente de necessidade, fica implícito nos discursos que finalizar uma graduação não teria sido possível sem a ajuda do cuidador. Sendo assim, a ajuda do cuidador é exposta como um “favor” o qual merece agradecimento.

Outro aspecto que chamou a atenção nos agradecimentos à rede de apoio diz respeito às pessoas mencionadas pelo cuidado das crianças durante as ausências, as quais são em sua totalidade do gênero feminino, com exceção de um único agradecimento que menciona supostamente um casal:

À minha vó [...] e tia [...], e aos **meus queridos [...]. e [...]**, que também se fizeram presentes nessa transição, **cuidando e zelando pelo meu** [cita o nome do filho], **todas as vezes em que precisei**. (2018)

A rede de apoio citada na maioria dos agradecimentos é composta por membros da família da estudante ou do companheiro, havendo também menções a amigas e outras relações não especificadas como pode ser observado no seguinte gráfico:

Gráfico 2 – Composição da rede de apoio



A predominância de pessoas do gênero feminino entre os integrantes de uma rede de apoio às mães universitárias pode ocorrer por diversas razões, mas suscita reflexões entre as possibilidades. A prevalência no gênero feminino pode estar relacionada a diversos motivos como: uma maior disponibilidade de tempo das mulheres em atender as crianças em relação aos homens; por serem referência de maior confiabilidade no cuidado de crianças; por uma reprodução de funções sociais femininas ou mesmo devido a uma relação de empatia entre as mulheres, reforçando a relação entre cuidados maternos e a “função” das mulheres no ambiente familiar.

Entretanto, uma rede de apoio às mães universitárias composta por outras mulheres, pode ser também interpretada como uma forma de luta e resistência em uma sociedade que ainda reproduz uma cultura machista, através do incentivo e da construção de alternativas às lacunas e desigualdades do nosso sistema patriarcal.

A rede de apoio mencionada nos agradecimentos está relacionada integralmente à parentes ou amigas que auxiliaram no processo de formação das estudantes mães ocupando-se das crianças, no entanto, não foram encontradas menções a instituições pedagógicas como creches, exceto um agradecimento à uma motorista de transporte escolar:

À [...] **(muito mais que motorista do transporte escolar), por ter sido meus olhos junto a meu filho, quando os meus não puderam estar.** (2015)

A baixa incidência de agradecimentos às instituições de ensino, pode ser indício tanto de uma preferência e maior confiança nas pessoas próximas em relação às creches, bem como

uma possível dificuldade de acesso à essas instituições, seja por um impasse financeiro ou por escassez de vagas nas instituições públicas.

Sendo assim, diante às dificuldades encontradas em ser mãe e estudante, algumas estratégias são utilizadas para evitar essa evasão e desistência, tais estratégias dependem da disponibilidade de recursos e oportunidades, por vezes, a rede de apoio é solicitada, por outras, as mães se encontram com a necessidade de frequentar os espaços universitários junto aos filhos, como pode ser identificado no seguinte texto de gratidão:

Agradeço **ao meu filho** que me acompanhou durante a minha trajetória no Curso de Pedagogia, **inclusive, algumas vezes, presente em sala de aula**. Obrigada por ser meu parceiro, amor da minha vida. (2016)

Esse excerto nos permite refletir a importância de políticas na universidade de assistência e permanência às estudantes mães, a exemplo da creche universitária, uma solicitação recorrente em outras pesquisas citadas anteriormente, também realizadas com estudantes mães na UFSC e em outras instituições federais.

A instituição, ainda que apresente programa de proteção à maternidade, o auxílio creche, os agradecimentos sugerem que as estudantes não foram contempladas já que dentre os agradecimentos analisados não houve menção ao auxílio oferecido, seja por falta de conhecimento da existência do programa ou por não atenderem os requisitos do benefício.

Foram encontrados, dentre os 46 agradecimentos, 10 menções à instituição de ensino UFSC nas quais são elencados diversos setores da universidade, no entanto, os discursos tendem a relacionar a universidade a um crescimento pessoal através do conhecimento ou melhores oportunidades, destacando um compromisso moral da universidade em gerações futuras e formação de cidadania, como pode ser observado:

Agradeço também a **Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**, e ao quadro de professores, que durante este percurso **me possibilitaram suportes de conhecimentos** necessários para minha formação e atuação nesta pesquisa. (2015)

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram esta experiência marcante **abrindo-me portas para um futuro de sucesso**. (2016)

A UFSC, por ter feito parte do meu processo formativo, proporcionando um rico momento de aprendizado, e **com quem assumo o compromisso de compartilhar as novas gerações**. (2018)

Obrigada à **Universidade Federal de Santa Catarina**, ao corpo docente e a todos os profissionais envolvidos nesse processo, **responsáveis não apenas pela formação acadêmica, mas pela formação de cidadãos**. (2018)

Por fim, é interessante refletir sobre a ausência de agradecimentos referentes à assistência da Universidade diante das tantas dificuldades e angústias apresentadas, nos textos de agradecimento, perante à necessidade de conciliar maternidade e graduação. Em meio aos diversos pedidos de desculpas e pedidos de compreensão por ausências, encontramos agradecimentos à universidade apenas enquanto instituição de ensino e espaço de saberes, porém isenta de um compromisso enquanto instituição pública, de garantir acesso e permanência. Essa desobrigação, nos discursos, da universidade em relação ao combate das desigualdades através de iniciativas de acesso, equidade e permanência, nos sugere uma concepção de Universidade meritocrática e individualista, reforçando e naturalizando a ideia de que assuntos privados como filhos e família, são de inteira responsabilidade do indivíduo que deve, então, buscar suas estratégias para prosseguir a trajetória acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, enquanto recorte do estudo maior *Repertórios Culturais Nos Textos De Agradecimento Dos Trabalhos De Conclusão Do Curso De Pedagogia*, buscou analisar os discursos de gratidão das alunas mães, a partir das análises culturais, compreendendo os Agradecimentos enquanto produções sociais e culturais que carregam consigo diferentes sentidos, mas que evidenciam padrões normativos de gênero, bem como reproduções de um sistema patriarcal vigente.

A pesquisa teve por objetivo, não questionar o sentimento de gratidão individual encontrado nos textos de Agradecimento, mas refletir sobre quais aspectos sociais e culturais colaboram para que esse sentimento seja expresso de tal maneira, o que faz com que as mães universitárias sejam extremamente gratas à compreensão de seus filhos e parceiros durante suas ausências? Ou por que o sentimento de gratidão por aqueles que cuidaram de seus filhos para que, então, pudessem estudar se faz tão presente? Que condições estão postas para que o sentimento seja assim colocado?

A partir de uma revisão bibliográfica e contextualização histórica buscou-se chamar a atenção para a maternidade enquanto construção social, parte de uma identidade feminina estruturada social e culturalmente. Problematizar os ideais de maternidade enquanto características não naturais rompe com o discurso hegemônico da maternidade, desassociando a função materna e doméstica das mulheres e possibilitando novas concepções de feminilidades. Desvincular a imagem das mulheres dos ideais maternos se faz necessário, já que frequentemente as normativas maternas são idealizadas e romantizadas gerando frustrações na impossibilidade de cumprir e assemelhar-se aos modelos determinados socialmente, gerando culpas e angústias.

Ficou evidente, a partir da pesquisa, que as mulheres encontram ainda, apesar das crescentes lutas e conquistas feministas, uma grande dificuldade em conciliar afazeres domésticos, maternidade e demandas acadêmicas e profissionais, fazendo com que busquem alternativas e estratégias para manter suas atividades universitárias. A partir das análises foi possível observar que em grande parte, a família cumpre esse papel, caracterizando a maternidade como uma demanda privada, onde pouco o Estado ou a Universidade foram citados ou mencionados, o que nos possibilita reflexão sobre estas instituições com vieses androcêntricos e de poucas possibilidades às mulheres com filhos.

Estas condições, nas quais a maternidade está inserida, podem ser compreendidas como motivações para que os discursos de gratidão sejam assim manifestados.

A partir das análises foi possível discutir a maternidade enquanto construção histórica, viés de importância política para luta por igualdade entre gêneros. A maternidade ainda é um relevante elemento entre os fatores que constituem a subjetividade feminina e é carregada de normas e discursos que regulam essa prática. Foi possível problematizar, a partir dos textos de gratidão, discursos hegemônicos de maternidade e família, como a naturalização da associação das funções da esfera doméstica às mulheres, a romanização da maternidade e a idealização da figura materna.

Ao analisarmos as narrativas sobre a maternidade, que atravessam os textos de gratidão, foi possível constatar que discursos com menções às dificuldades emocionais e organizacionais (busca por redes de apoio) para se ausentar durante o curso superior, indicam uma grande responsabilização feminina das funções domésticas, bem como uma idealização da figura materna enquanto sujeito com propensão natural ao sacrifício e amor e dedicação incondicional.

Também foi possível trazer discussões acerca da assistência estudantil às universitárias mães a partir das recorrentes dificuldades mencionadas, bem como as estratégias individuais e familiares encontradas para contornar tais dificuldades. É sabido que a educação é um direito a todos, contudo, apenas o acesso não é suficiente para garantir a efetividade da permanência, e a promoção de tais condições contribui para uma maior equidade entre os gêneros. Ainda sobre a instituição, não foram encontrados agradecimentos a programas de assistência reforçando uma concepção meritocrática e individualista da universidade pública. Estas ausências na menção às instituições públicas de apoio como creches públicas ou programas estudantis de assistência e apoio à permanência evidenciam que a sociedade não está preparada para incluir as mulheres com filhos, considerando que esta responsabilidade ainda é atribuída majoritariamente às mães. As mulheres mães resultam por ter maiores dificuldades na conciliação dos afazeres maternos e profissionais e essas não deveriam ser atribuídas à maternidade já que os filhos não são limitadores, mas uma sociedade desestruturada torna-se limitadora às mulheres com filhos.

Por fim, conclui-se, então, que os textos de agradecimento dos TCCs não são neutros, pois são permeados por identidades e sentimentos que, embora sejam vividos de formas diferentes, reproduzem significados socialmente estruturados e repertórios definidos por pensamentos hegemônicos.

REFERÊNCIAS

ABNT NBR 14724:2011. **Informação e Documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação**. Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), 20 11, disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKewjcgblPp9viAhUII7kGHVLCC0AQFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Fsite.ufvjm.edu.br%2Frevistamultidisciplinar%2Ffiles%2F2011%2F09%2FNBR_14724_atualizada_abr_2011.pdf&usg=AOvVaw0qGJDSyye638tLYiLvXyt4>, acesso 05 de junho de 2019.

Alunos Regulares No Curso De Pedagogia Da Ufsc. Disponível em <<http://pedagogia.ufsc.br/>>, acesso 06 de junho de 2019.

AQUINO, E. M. L. Gênero e Ciência no Brasil: Contribuições para Pensar a Ação Política na Busca da Equidade. In: encontro nacional de núcleos E grupos de pesquisa. **Pensando gênero e ciência**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. p. 11-24. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/br000014.pdf>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC/Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2012.

AZEVEDO, Kátia Rosa; ARRAIS, Alessandra da Rocha. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de dezembro de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000200013>.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BIROLI, Flávia. **Família: novos conceitos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014

BITENCOURT, Silvana Maria. Cuidar Ou Ser Cuidada? Os Dilemas E Os Efeitos Da Maternidade Em Uma Universidade Brasileira. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017

BRASIL. Decreto n. 7.234, de 19 de julho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil — PNAES**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm>. Acesso em 7 de dezembro de 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 16, n. 3, p. 221-231, Dec. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722000000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Dez. 2020.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora: O primeiro projeto de pesquisa**. Brasília: Letras Livres, 2013.

Estudo Do Professor Em Gráficos. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/plano-nacional-de-formacao-de-professores/censo-do-professor>>, acesso em 07 de dezembro de 2020.

FERLINI, M. **Representações no gênero discursivo Agradecimentos em teses e dissertações**. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 108. 2013.

FONAPRACE/ANDIFES. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018** Brasília: ANDIFES, 2019. Disponível em <<http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>>, acesso em 07 de dezembro de 2020.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v.22, n 2, jul./dez., p.26-28.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 443-481.

MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. **Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski**. Campinas, SP, 2010. Brasília: Letras Livres, 2013. de 2020. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.385>.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Dispositivo da maternidade: mídia e a produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 26, p. 01-18, de dezembro de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602005000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de dezembro (a)

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 139-151, agosto de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782005000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de dezembro de 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782005000200011>. (b)

OLIVEIRA, NHD. **Recomeçar: família, filhos e desafios** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em; SciELO Books.

PEREIRA, Angelica S. **Repertórios Culturais nos Textos de Agradecimento dos Trabalhos de Conclusão do Curso de Pedagogia**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Projeto de Pesquisa EED/CED/UFSC.

PEREIRA, Angelica S. **Repertórios Culturais nos Textos de Agradecimento dos Trabalhos de Conclusão do Curso de Pedagogia**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Relatório de Pesquisa EED/CED/UFSC.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. Apoio social e experiência da maternidade. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 85-96, abr. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412822006000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Dez. 2020.

REIS, S. **Ser Mãe na Universidade**: Uma análise da percepção de alunas gestantes e nutrízes acerca das políticas de assistência social de uma IFES. TCC – Bacharel em Administração, Universidade Federal do de Ouro Preto. Mariana, p. 32. 2017.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 5, n. 8, p. 47-59, fevereiro de 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832001000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de dezembro de 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100004>.

SILVEIRA, P. **Ser mulher, mãe e universitária**: Narrativas de estudantes do curso de pedagogia da universidade federal de Santa Catarina. TCC – Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 51. 2019.

TOURINHO, J. G. A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade. **IGT na Rede**, v.3, n. 5, 2006.

UFSC (Florianópolis). Edital nº 2/2020/prae, de 10 de fevereiro de 2020. **Programas da assistência estudantil no âmbito da ufsc**, Florianópolis, SC, ano 2, 10 fev. 2020. Disponível em: <https://prae.paginas.ufsc.br/files/2020/02/Edital-2-2020-PRAE-Edital-%C3%9Anico-dos-Programas-Assistenciais.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2020.

URPIA, A. **Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico**: narrativas de um *self* participante. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Colegiado de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 187. 2009.

WORTMANN, Maria Lucia. Análises culturais – Um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. COSTA, Marisa Vorraber (org). Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 71 – 90.